

Painel da  
Roca Cerâmica

# Revestimentos 3D são tendência em “fashion week” da decoração

Versáteis, azulejos e pisos lançados na 14ª feira Expo Revestir podem substituir papel de parede



Losango Manufatti, com 15 x 20,5 cm, a partir de R\$ 550 o m²



Trapézio, da Decortiles; a peça com 26 x 60 cm custa R\$ 72

**Designers se inspiram em formas urbanas e da natureza para criar peças com relevos e desenhos geométricos**

FERNANDA ATHAS  
DE SÃO PAULO

Na moda casa, a tendência outono-inverno para pisos e azulejos são as peças tridimensionais. Os revestimentos, que servem até como objeto de decoração, foram exibidos na 14ª Expo Revestir, feira conhecida como a “fashion week” da arquitetura.

O evento, que aconteceu entre os dias 1º e 4 de março no Transamérica Expo Center, na zona sul de São Paulo, reuniu em 40 mil metros quadrados 235 expositores, entre eles marcas como Manufatti, Roca Cerâmica, Decortiles, Porcebras e Santa Luzia, que lançaram na feira linhas de cerâmicas 3D.

Simone Lourensi, coordenadora de design da Eliane e da Decortiles, diz que a inspiração para as peças veio tanto da paisagem das metrópoles —cheia de formas geométricas—, quanto da na-

tureza, com suas curvas e relevos irregulares.

“A arquitetura urbana está expressa nos blocos de concreto, em edifícios e volumes gigantescos. Traduzimos isso para o design de interiores em peças com superfícies irregulares”, diz.

A Manufatti lançou duas linhas de cerâmicas tridimensionais na feira. As formas de cada coleção foram talhadas à mão por artesãos que trabalham na fábrica em Tatuí, no interior do Estado.

“As peças passam pelas mãos de três a quatro pessoas, que, após criarem a forma matriz, lixam e esculpem o material. Você terá praticamente uma obra de arte em casa”, diz Patrícia Maia, diretora comercial da Manufatti.

## VERSATILIDADE

Esmaltados, foscos, brilhantes ou de acabamento metálico, os revestimentos tridimensionais podem ser usados internamente ou mesmo em áreas externas, como fachadas e muros.

Para a arquiteta Ana Bartira, o design novo levou as cerâmicas, antes restritas aos cômodos molhados (banheiro e cozinha), para todos os

ambientes da casa.

Além disso, o revestimento leva vantagem no quesito durabilidade em comparação com outros materiais que trazem o aspecto 3D, como papéis de parede e tecidos, que estragam mais facilmente.

## CUIDADOS

Antes de escolher e instalar um painel 3D é preciso alguns cuidados. Ana aconselha evitar a mistura de texturas e cores, para a composição não ficar exagerada.

Na hora de instalar, é preciso prestar atenção no tipo de rejunte utilizado, que deve ser resistente à água. “O mais indicado é o epóxi, que pode ser lavado”, explica.

A arquiteta Daniela Francfort lembra que para valorizar as formas das peças é preciso estar atento à iluminação do ambiente.

“O projeto do arquiteto deve considerar a luz artificial e natural em diferentes momentos do dia para destacar o revestimento”, diz.

Como a maioria das peças faz parte de coleções especiais das marcas, outra dica é comprar 10% a mais de material. A reserva pode ser útil em manutenções futuras.



Revestimento Aqua branco (45 x 90 cm), da Eliane, R\$ 94 o m²



Peça Sweet Gold (30,5 x 29,5 cm), da Roca Cerâmicas, R\$ 138

## LÁ ONDE eu moro

### RAÍZES

## Colônia do Leste Europeu, Vila Prudente tem feira e bares típicos

Primeira leva de imigrantes foi atraída por indústrias e se instalou na região no final da década de 1920

DE SÃO PAULO

Assim como a Liberdade (na região central) é o reduto de japoneses em São Paulo, o distrito de Vila Prudente (zona leste) é considerado um pedacinho do Leste Europeu na capital paulista.

Os sinais disso estão por todos os lados. Na Vila Zelina, a praça Púchkin presta uma homenagem ao poeta russo Alexander Púchkin (1799-1837). Igrejas ortodoxas, como a paróquia russa Santíssima Trindade, estão espalhadas pelo bairro. E tem até imobiliária com o nome de cidade da Lituânia (Kaunas).

A primeira leva de imigrantes de países do Leste Europeu rumo ao distrito ocorreu no final dos anos 1920. O interesse pela região era financeiro: fábricas instaladas no local estavam de portas abertas para estrangeiros.

Mas foi um corretor russo que já vivia no Brasil que facilitou a concentração dos imigrantes na região, conta o vice-presidente da Amoviza (associação dos moradores de Vila Zelina), Antonio Viotto Netto, 69.

“Um loteamento foi aberto, e Carlos Korkisko fez a ponte com os imigrantes. Assim nasceu a Vila Zelina.”

A presença de descendentes do Leste Europeu contribuiu para a criação de bares, restaurantes e festivais que disseminam a gastronomia, a arte e a cultura típicas.

Na rotisseria Delícias Mil (rua Monsenhor Pio Ragazinskas, 17), comandada há quase 40 anos pela matriar-



Altar da igreja ortodoxa russa paróquia Santíssima Trindade, na Vila Alpina, distrito de Vila Prudente

ca lituana Helena Trinkunas Dizigan, 71, há desde biscoitos amanteigados de Páscoa até virtiniai (ravióli caseiro).

“A colônia é muito grande. Quando saio para fazer compras, nem preciso levar dinheiro. O bairro inteiro é uma família”, afirma.

No Bar São Vito (avenida Zelina, 851), a pedida é a carne de vaca acompanhada de mostarda escura com pão

francês —iguaria da Lituânia. O bairro tem também casas de comida brasileira, como a Santa Coxinha, na praça República Lituânia, que serve 50 variedades do salgado.

A região ainda promove todo mês uma feira com artesanato, comidas e apresentação de grupos folclóricos. A decoradora Márcia Tuskenis, 52, expõe ovos de galinha pintados com símbolos ucranianos

e lituanos na feira. “Aprendi a técnica não só para lucrar, mas para não deixar a tradição morrer”, diz ela, que é neta de lituanos. O próximo evento será no dia 13 de março, na rua Aracati Mirim.

## CONFLITO

A paz que impera no distrito quase foi quebrada em 2013, quando a Amoviza propôs decorar os orelhões com

matrioskas (boneca russa).

A proposta dividiu as comunidades que não se sentiram representadas, e criou um clima de “guerra fria” por lá, afirma Tamara Dimitrov, 54, líder do Volga, grupo de dança russo.

“Acho que isso daria um valor cultural à região, como é hoje na Liberdade.” O projeto foi engavetado e a paz retornou. (DIEGO MAIA)



**RODOVALHO FERREIRA, 69**  
SERVIDOR PÚBLICO

## Gosto daqui porque todos se conhecem

Sou um alagoano que desembarcou em São Paulo aos três anos de idade. Tempos depois, vim parar na favela da Vila Prudente, de onde nunca mais saí.

Eu me lembro até hoje da reação da minha mãe quando entramos na nossa casa —um barraco de madeira com terra batida. Ela só chorava.

Aqui, fundei o time de várzea da favela: o Vera Cruz Esporte Clube, em 1960. No início, tentei ser jogador, mas o time era tão bom que eu não quis atrapalhar e acabei ficando só na diretoria do clube.

A maior glória do “Vera” foi a de vencer a “Copa Setembrina”, em 1978. Hoje o time tem sede, que é usada até para casamento.

Gosto daqui. Não troco a favela por nada. Todo mundo se conhece e estou a duas quadras da praça feita em homenagem ao meu pai, que ajudou a comunidade. Como eu poderia deixar esse lugar? (DM)

Fotos Raquel Cunha/Folhapress